

ELEIÇÕES NO LEGISLATIVO

Ministros reforçam votação

Dez titulares de pastas são exonerados para participar do pleito, em movimento do governo que visa mostrar total apoio a Motta e Alcolumbre

» VICTOR CORREIA
» JAQUELINE FONSECA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva exonerou, ontem, 10 de seus ministros que vão votar nas eleições para as Mesas Diretoras da Câmara e do Senado, neste sábado. As decisões foram publicadas no Diário Oficial da União (DOU). O gesto representa o apoio do governo ao deputado Hugo Motta (Republicanos-PB) e ao senador Davi Alcolumbre (União-AP), que se encaminham para assumir as presidências das Casas.

Os titulares exonerados têm mandato no Congresso Nacional, mas precisam se licenciar para atuar como ministros — deixando a vaga com suplentes. São eles: Camilo Santana (PT-CE), Wellington Dias (PT-PI) e Carlos Fávaro (PSD-MT), todos

senadores; e **Alexandre Padilha (PT-SP)**, Juscelino Filho (União-MA), Paulo Teixeira (PT-SP), André Fufuca (PP-MA), Silvio Costa Filho (Republicanos-PE), Celso Sabino (União-PA) e Luiz Marinho (PT-SP), que são deputados.

Lula, porém, deixou de fora duas ministras: Marina Silva e Sônia Guajajara — chefes do Meio Ambiente e dos Povos Indígenas, respectivamente, ambas são deputadas federais. Marina é filiada à Rede, partido que declarou apoio a Motta. Guajajara, porém, é do PSol, que tem candidato próprio, o pastor Henrique Vieira (RJ). Dessa forma, a decisão de Lula evita que uma ministra vote contra Motta, o que poderia causar mal-estar do Palácio do Planalto com o futuro presidente da Câmara. Além disso, impede tensão entre PSol e Rede, que formam uma única federação. Outro ministro parlamentar

Colaboração

O ministro das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, comentou sobre as eleições: "Todos os ministros têm colaborado muito e garantiram que inclusive partidos que estiveram na oposição dessem a grande maioria dos votos. E votos decisivos, para o que a gente precisava aprovar", disse, em entrevista à GloboNews. "Precisamos avaliar a participação desses partidos a partir de uma forma qualitativa do papel que eles exercem."

que não vai participar da votação é Renan Filho, dos Transportes, que está em viagem.

É comum que o presidente exonere ministros em momentos

estratégicos no Congresso Nacional. Por exemplo, ele liberou Fávaro, Sabino e Fufuca no início de dezembro para que indicassem emendas parlamentares a suas bases eleitorais.

Lula também costuma exonerar seus auxiliares para votar em projetos de interesse do governo. Com o gesto para a eleição de hoje, ele espera manter um bom relacionamento com Motta e Alcolumbre.

Os ministros poderão votar também para os demais cargos das Mesas Diretoras: vice-presidências, secretarias e suplentes. Retornarão às respectivas pastas após a votação. Lula, por sua vez, vai acompanhar o pleito de casa, segundo interlocutores do Planalto.

Segurança reforçada

A Polícia Militar do Distrito Federal reforçou a segurança e o contingente policial na área

central de Brasília devido às eleições no Congresso.

Em nota, a corporação informou que viaturas estão posicionadas de forma estratégica próximas aos prédios do Parlamento e do Supremo Tribunal Federal (STF). Também enfatizou que o contingente foi preparado e orientado para qualquer tipo de ocorrência.

"O 6º Batalhão (Batalhão dos Poderes) manterá um Grupo de Pronto Emprego durante todo o final de semana em condições de atender a qualquer demanda na região central. Além disso, unidades especializadas como o Batalhão de Choque, o Batalhão de Operações Especiais (Bope) e Batalhão de Policiamento com Cães (BPCães) estão em condições para atuação 24 horas por dia", informa a nota. Não há previsão de fechamento de vias por conta dos eventos.

» Cobertura especial do Correio

O Correio Braziliense fará uma cobertura especial da eleição na Câmara dos Deputados e no Senado Federal. O site do jornal mostrará, em tempo real, os bastidores e a votação nas duas Casas Legislativas, com participação ao vivo dos repórteres em uma estação de mídia do jornal instalada no Congresso Nacional. Às 17h, o jornal realizará uma edição especial do *CB.Poder*, na TV Brasília, com transmissão ao vivo no site e nas redes sociais. Por fim, os leitores terão em mãos, na edição do impresso, uma análise dos impactos da mudança no comando do Legislativo.

Lira faz jantar de despedida

» DENISE ROTHENBURG
» RENATO SOUZA

O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), promoveu um jantar de despedida do cargo, ontem, na residência oficial, no Lago Sul. Todos os deputados foram convidados para o evento. O congressista encerra seu período à frente da Casa Legislativa, mas deve se manter com um líder na articulação política entre os parlamentares.

O favorito para ocupar a vaga de Lira é o deputado Hugo Motta (Republicanos-PB), que é apoiado pelo político alagoano e marcou presença no jantar. O parlamentar se aproximou de Lira nos últimos meses e a esperada vitória dele é vista como uma forma de continuar o trabalho realizado pelo atual presidente da Casa e do grupo político representado por eles.

O jantar foi pensado como oportunidade de fazer uma última articulação, para fortalecer o nome de Hugo Motta, além de costurar outros acordos visando o retorno da

» Elogios de Padilha

O ministro de Relações Institucionais, Alexandre Padilha, afirmou que os presidentes Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), possuem "todas as credenciais políticas" para assumir "novas missões" após deixar as presidências das Casas. O petista havia sido questionado se a eventual presença de Lira no governo o incomodaria depois de supostos atritos no passado. "Eles fazem parte de partidos. O presidente Lula disse que, passadas as eleições de Câmara e Senado, ele faz questão de organizar agendas com os presidentes de partidos, ministros e os líderes para conversar sobre o governo", explicou Padilha, em entrevista à GloboNews. "Se isso vai significar uma reforça ministerial, essa é uma decisão do presidente."

atividade do Poder Legislativo, na próxima semana. Os trabalhos serão retomados com pautas relevantes para as áreas econômica e social.

Marcam presença no jantar, além de Motta, os deputados Gleisi Hoffmann (PR), presidente do PT; Orlando Silva (PCdoB-SP); Jandira Feghali (PCdoB-RJ); Altineu Côrtes (PL-RJ); Márcio Jerry (PCdoB-MA); Alberto Fraga (PL-DF); Túlio Gadelha (Rede-PE); Osmar Terra (MDB-RS); Zé Trovador (PL-SC); Benedita da Silva

(PT-RJ) e vários líderes partidários. A vice-governadora do DF, Celina Leão (PP), também participou.

Integrantes da base do governo aproveitaram o evento para tratar dos últimos acertos antes do pleito no Congresso. Já parlamentares da oposição e de centro conversaram sobre o momento legislativo. A avaliação é de que o Parlamento e o Executivo iniciam o ano mais próximos, com relações melhores do que as que ocorreram no ano passado.

Denise Rothenburg/CB/D.A Press



A vice-governadora do DF, Celina Leão, esteve no jantar de Lira

Lindbergh, líder do PT

O deputado federal Lindbergh Farias (PT-RJ) foi eleito líder da bancada do PT na Câmara. A escolha fazia parte de um acordo do partido previsto desde o início do governo do presidente Lula. O nome do parlamentar foi firmado em um jantar em Brasília, ontem, na presença do chefe do Executivo.

O antecessor no cargo, Odair Cunha (PT-MG), integra a mesma tendência petista de Lula, "Construindo um Novo Brasil". Já Lindbergh integra outra tendência, "Resistência Socialista", mais crítica à política fiscal do ministro da Fazenda, Fernando Haddad.

Ao site do partido, Lindbergh afirmou que sua prioridade será trabalhar para aumentar a popularidade de Lula ajudar a criar condições políticas e econômicas para garantir a sua reeleição em 2026.

"Entre as pautas prioritárias no Congresso teremos a isenção de Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5 mil mensais, medida apoiada por 82% da população, o fim da jornada de trabalho 6x1 e projetos que auxiliem no combate à inflação de alimentos", enfatizou.

» Ponto a ponto | JOÃO HENRIQUE HUMMEL | CONSULTOR POLÍTICO

O governo é coadjuvante nestas eleições

» MARIA BEATRIZ GIUSTI*

Com os novos presidentes da Câmara e do Senado, o futuro é incerto para as pautas do governo no Congresso. Na avaliação do consultor político João Henrique Hummel, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva enfrentará grandes dificuldades no Parlamento. "Vamos ter dois anos em que o Legislativo tentará fazer uma pauta e o Executivo terá de ser muito reativo, ou não terá nenhuma", disse, em entrevista aos jornalistas Carlos Alexandre de Souza e Denise Rothenburg, no programa *CB.Poder*, parceria entre o *Correio* e a *TV Brasileira*. A seguir, os principais trechos:

O governo e o Congresso

"As eleições no Congresso Nacional são um momento novo para o governo. O governo não é coordenador nem o apoiador dos dois candidatos que hoje são os favoritos, e isso o torna um coadjuvante, e não o protagonista dessas eleições. Ao olhar para o futuro, todos os acordos que foram firmados há dois anos, terão de ser firmados de uma forma diferente agora. Tudo isso enquanto o Executivo enfrenta um momento muito

fragilizado, principalmente pelos acontecimentos do fim do ano passado."

Emendas parlamentares

"Os movimentos que o Supremo fez no ano passado, mexendo com as emendas, deixou o baixo clero em uma situação muito raivosa, porque hoje as emendas são uma cláusula pétrea para os parlamentares. Eles não podem perder mais a autonomia que ganharam na aplicação dos recursos e no compromisso que fizeram com a base deles. Então, hoje, os dois candidatos vão ter que olhar muito mais para os seus eleitores dentro do Congresso e para a sua base do que para o Executivo para ter uma boa harmonia de trabalho."

Desafios do Planalto

"Essa nova configuração na Câmara e no Senado sofre um agravante, porque o presidente (Lula) está querendo condicionar qualquer acordo, qualquer opinião, até a distribuição de ministérios, já pensando nas eleições de 2026. Com isso, cria-se uma dificuldade. Na reunião de ministros, Lula já deu um recado claro da dificuldade que ele vai ter de negociar com o Legislativo. Ele pega os ministros e dá o

Pedro Santana/CB/DA Press



seguinte recado: 'Precisamos entregar o que nós prometemos e já começamos nos dois primeiros

anos, não vamos inventar nada de novo'. Quer dizer que tudo que Lula tenta colocar no Congresso

existe uma dificuldade e não é levado para a frente. Vai ser pouco provável que o Legislativo aprove qualquer coisa nova que o governo propor. Vamos ter dois anos em que o Legislativo tentará fazer uma pauta, e o Executivo terá de ser muito reativo, ou não terá nenhuma."

Parlamento x STF

"Neste momento, temos um Supremo que está desacreditado na sociedade e um Executivo fragilizado. O Legislativo tem o poder de aprovar ou não o que quiser no Congresso. A decisão que o Legislativo está fazendo é deixar cada dia mais o Supremo se expor para a sociedade, e quanto mais isso acontece, maior o descredito, maior a desconfiança. Então, nas eleições majoritárias para o Congresso em 2026, qual será o tema? Qual a pauta? Se eu falar mal do Supremo, eu ganho voto ou perco voto? Qual vai ser a composição de um novo Senado em relação ao Supremo? Acredito que o Legislativo vai dar corda para o Supremo se expor mais ainda para a sociedade."

Eleições 2026

"Em 2018, tivemos uma eleição em que a população foi anti-PT. Em 2024, apesar de uma

eleição bem dividida, quem ganhou foi contra Bolsonaro. Mas será que agora, em 2026, nós não vamos ser contra os dois? A sociedade vai ser contra os dois e está esperando um candidato pragmático, que realmente tenha uma articulação política e não ideológica. Se o governo não tem pauta para o Congresso, qual vai ser o debate que a sociedade vai fazer nestes próximos dois anos até chegarem as eleições? Quem é que vai fazer essa pauta?"

Governabilidade de Lula

"Eu já falei isso no primeiro ano de governo do Lula, mas repito: ele tem de se afastar do PT para ter governabilidade e se aproximar do Centrão para discutir uma pauta de consenso. Nem lá, nem cá, mas aquilo que é viável. Mas ele se aproximou do PT, ao mesmo tempo que se distanciava das pautas do partido, o que não deu certo, porque não deu voto, não deu reverberação, a sociedade também não aceitou. Está no momento de ele usar temas convergentes para negociar, não criar discórdia."

*Estagiária sob a supervisão de Cida Barbosa